

Funaro em Tóquio, mostrando confiança.

O ministro da Fazenda, Dílson Funaro, desembarca amanhã em Tóquio, última etapa de sua viagem, esperando convencer os banqueiros japoneses a continuarem emprestando dinheiro ao Brasil e as indústrias japonesas a não suspenderem seus investimentos aqui. Para isso, o ministro conta com um trunfo importante: em três dos países que visitou esta semana (EUA, Alemanha Ocidental e Itália), ele ouviu a promessa de que na próxima reunião dos sete países industrializados a questão da dívida brasileira será discutida com maior boa vontade.

Pelo menos, é o que Funaro vem repetindo a seus interlocutores, e foi o que confirmaram ontem duas das figuras mais importantes com quem ele conversou nos últimos dias: o secretário do Tesouro dos EUA, James Baker, e o ministro das Finanças da Alemanha, Gerhard Stoltenberg. "O Brasil deixou claro que não quer confrontação", disse Baker ontem, numa conferência a diretores de jornais americanos. "Temos confiança numa solução negociada, porque o País não está deixando de cumprir seus compromissos, apenas argumentando que não pode pagar juros como vem pagando até agora", explicou Baker.

Já o ministro alemão foi mais além, falando em Hamburgo sobre seu encontro com Funaro. Ele não só elogiou a posição brasileira como reconheceu que isso deve ser uma advertência para os países industrializados. "Estamos diante das consequências da excessiva transferência de capitais dos países em desenvolvimento", disse Stoltenberg. "No futuro, será preciso evitar esses erros, reduzir a dependência em relação à importação desses capitais e colo-

car a dívida em consonância com a capacidade de cada país pagar o seu serviço."

Na opinião do ministro das Finanças da Alemanha, os países credores — tanto através de entidades governamentais como de seus bancos privados — devem agora contribuir para esses ajustes. "É de seu próprio interesse", afirmou. "A ninguém interessa que os países endividados tenham que capitular ante problemas econômicos e sociais insolúveis."

Outra voz de apoio à posição brasileira veio de Londres, onde Kit McMahon, principal executivo do Midland Bank, um dos principais credores da dívida do Brasil, definiu a moratória como "um contratempo significativo" mas não uma "medida de confrontação". Segundo ele, o Midland, a quem o Brasil deve cerca de US\$ 2,1 bilhões, está disposto a cooperar com o País, embora espere ainda um entendimento com o FMI. "Seria um benefício adicional", explicou, "se o Brasil obtivesse um visto de que a casa está em ordem".

Japão

Reforçado por tais argumentos, Funaro chega amanhã cedo ao Japão preocupado com as notícias de que empresas japonesas estariam suspendendo seus planos de investimento no Brasil para 87, à espera de mais definições sobre a política econômica. Oficialmente, o Japão será o único país visitado por Funaro onde o ministro terá encontros com banqueiros privados (na Itália, por acaso, ele conversou com David Rockefeller, do Chase Manhattan).

A agenda de Funaro em Tóquio prevê encontros com o chanceler Tadashi Kurana-



ri e com o ministro das Finanças, Kiichi Miyazawa, além dos presidentes dos maiores bancos particulares do país. O Brasil deve ao Japão cerca de US\$ 10 bilhões, quase 10% de toda a sua dívida externa.

Embora oficialmente essa seja a última escala da viagem de Funaro, algumas agências internacionais divulgaram ontem que de Tóquio ele ainda seguirá para o Canadá, onde teria reuniões com autoridades locais. O Ministério da Fazenda, porém, não confirmou essa informação, divulgando que o ministro estará de volta ao Brasil na terça-feira, dia 10.